

Mensagem do Prof. Dr. Eugeniusz Rzewuski por ocasião da homenagem feita no e-book “Estudos linguísticos e literários sobre Moçambique”

Eugeniusz Rzewuski *

Resumo: A publicação científica é um dos grandes desafios na atualidade, especialmente em países subdesenvolvidos. O e-book “**Estudos linguísticos e literários sobre Moçambique**” organizado pela Dra. Crisófia Langa da Câmara (UEM) e pelo Dr. Alexandre António Timbane (UNILAB) foi lançado no dia da África, 25 de maio de 2022, evento que contou com a presença de amigos, colegas do Mwalimu Rzewuski. O evento foi transmitido pelo Zoom e posteriormente disponibilizado pelo canal Youtube da Revista Njinga & Sepé. No evento, o homenageado leu uma mensagem emocionante, que descreve o esforço e o trabalho que realizou em Moçambique como docente da Universidade Eduardo Mondlane nas décadas 70 e 80. Este texto visa divulgar na comunidade científica a necessidade de valorizar os precursores e acadêmicos que muito contribuíram para a ciência na África e em especial em Moçambique.

Palavras-chave: Mensagem; Homenagem; Eugeniusz Rzewuski; Moçambique

Ujumbe kutoka kwa Prof. Dk. Eugeniusz Rzewuski wakati wa hafla ya kutoa heshima iliyotolewa katika kitabu cha kielektroniki "Masomo ya Lugha na Fasihi kuhusu Msumbiji"

Muhtasari: Uchapishaji wa kisayansi ni mojawapo ya changamoto kubwa leo, hasa katika nchi ambazo hazijaendelea. Kitabu cha kielektroniki “Tafiti juu ya Lugha na Fasihi za Msumbiji” kilichoandaliwa na Dr. Crisófia Langa da Câmara (UEM) na Dr. Alexandre António Timbane (UNILAB) kilizinduliwa Siku ya Afrika, tarehe Mei 25, 2022, tukio ambalo lilihudhuriwa na marafiki, wafanyakazi wenzake Mwalimu Rzewuski. Tukio hilo lilitangazwa na Zoom na baadaye kupatikana kwenye chaneli ya Youtube ya Revista Njinga & Sepé. Katika hafla hiyo, Mwalimu Rzewuski, baada ya kusifiwa, alijibu kwa kusoma ujumbe wenye mhemuko, unaoelezea juhudi na kazi aliyoifanya nchini Msumbiji kama profesa katika Chuo Kikuu cha Eduardo Mondlane miaka ya 70 na 80. Madhumuni ya ujumbe wake ni kuwasifu wachunguzi waliotangulia kuchangia katika uchunguzi wa kisayansi barani Afrika na haswa Msumbiji.

Maneno muhimu: Ujumbe; Sifa; Eugeniusz Rzewuski; Msumbiji

Assista o vídeo da homenagem: <https://www.youtube.com/watch?v=KoGqSdC7jeo>

* Linguista e filólogo polaco especializado no estudo de línguas africanas, doutorado pela Universidade de Varsóvia (1972). É professor auxiliar aposentado desde ano 2014 na mesma instituição, após 40 anos de docência e investigação na Universidade de Varsóvia (1967-2014), incluindo docência na Universidade Eduardo Mondlane de Maputo (1977-1983). Suas pesquisas estudam sobre a língua e a cultura suaíli. É autor de livros, capítulos, artigos e outros materiais acadêmicos para além de orientações na graduação e pós-graduação na Polônia e em Moçambique. Foi embaixador em Angola.

Mensagem

1. Magnífico Reitor da UNILAB, Prof. Dr. Roque do Nascimento Albuquerque, e a Digníssima Senhora Vice-Reitora da UNILAB - Profa. Dra. Cláudia Ramos Carioca.
2. Excelentíssimo Senhor Diretor do Centro de Estudos Africanos na UEM Prof. Dr. Carlos Arnaldo
3. Excelentíssimo Senhor Professor Catedrático Armindo Ngunga – Presidente da ADIN.
4. Digníssimos outros membros de corpos diretivos da UNILAB e da UEM ,
5. Digníssimos Organizadores do e-book **“Estudos linguísticos e literários sobre Moçambique”**: professores doutores Crisófia Langa da Câmara (UEM) e Alexandre António Timbane (UNILAB)
6. Prezados outros Organizadores deste evento académico especial que é o Dia da África celebrado na UNILAB e na UEM,
7. Caros Colegas e Amigos moçambicanos, brasileiros, angolanos, portugueses, polacos que assistem hoje esta sessão académica comemorativa do Dia da África.
8. Senhoras e Senhores do corpo docente da UNILAB assim como caros estudantes desta Alma Mater
9. *Mabibi na Mabwana* - Senhoras e Senhores - em kiswahili, língua de panafricanismo e de libertação - *Uhuru*.



Estou imensamente grato por esta homenagem “conspiratóriamente” generosa e linda que me ofereceram nessa Magna Universidade. UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira com participação de meus Colegas e amigos moçambicanos e polacos. A UNILAB já tem reputação de ser uma ponte sólida na cooperação acadêmica entre Brasil e os países africanos da língua oficial portuguesa (PALOP) e em prol do desenvolvimento baseado no saber.

Um monumento da solidariedade e amizade, afinidade cultural. É uma conquista na luta pela excelência do seu nível acadêmico. “Descobri” este projeto chamado UNILAB já em curso, quando visitei dando palestras em 2015 nas universidades e grupos africanistas nas três cidades : Brasília, Salvador e Rio de Janeiro. Também na Casa de Angola em Salvador. Aproveitei essa ocasião recolhendo informação sobre estudos africanos em Brasil. No mesmo ano apresentei um comunicado sobre essa galáxia de estudiosos, centros, revistas, projetos educacionais, para nós desconhecida, no Congresso dos Africanistas Polacos.

Fico constantemente impressionado sobre passos dinâmicos dados na UNILAB na área dos estudos de línguas africanas bantu e a língua portuguesa e de respectivas literaturas. A nova revista acadêmica Njinga & Sepé idealizada e dirigida por Professor Doutor Alexandre Timbane preenche a lacuna que existiu no circuito de lusofonia e não só neste. A minha satisfação pessoal é de que no grupo dinamizador deste processo o papel ativo jogam cientistas moçambicanos da nova geração - discípulos dos grandes mestres patrícios seus, que por sua vez, na sua formação na linguística africana passaram pelos meus ensinamentos e ritos de iniciação efetuados na UEM nos primeiros anos da Independência em Moçambique.

Contam entre eles e elas alguns finalistas não somente do bacharelato em letras modernas na UEM mas também dos Cursos de Formação de Professores da UEM em que lecionei. Numa outra publicação a sair dentro em breve teço algumas recordações daquela época da batalha revolucionária pela educação, radiodifusão, rádios comunitários, também “a batalha das línguas” (conhecem contribuições de professores José Mateus Kathupa, Armindo Atelela Ngunga, Bento Siteo, Armando Jorge Lopes, Inês Machungo, Hildizina Norberto Dias, Feliciano Chimbutane, Juarez Ferraz Maia, Marcelino Liphola, António Miguel Ndapassoa, e outros peritos). Luta que continua em que participei e continuo de estar com antenas viradas, cognitivamente comprometido.

Não sei quem foi o primeiro a me titular por alcunha simpática de Mwalimu. Legivelmente mas ilegalmente sem copyright nem aspas, emprestada ao título de honra atribuído ao primeiro Presidente da Tanzânia. Eu considerei e me considero um dos *waalimu* com letras minúsculas. Nas aulas do suaíli era normal ser chamado assim.. Provavelmente foram Colegas em Varsóvia quando me galardoaram com esta alcunha em ano 2014, ano em que terminei os meus 70 anos, por ter me oferecido o livro de homenagem semelhante a este lançado hoje, livro em que também participaram investigadores de Moçambique. Agora a iniciativa é dos meus irmãos de Moçambique colocados nos centros estratégicos da ciência no vasto espaço de Índico ao Atlântico!

O professor Bento Siteo disse que eu sou uma pessoa humilde. Acho este diagnóstico ser correto. Mas cada pessoa nutre também dentro de si pelo menos um micro-grão de narcisismo compensatório. Confesso então: eu coleciono dedicatórias dos meus colegas e ex-alunos, nos trabalhos por eles publicados e nas dissertações defendidas. Eu orgulho-me por esses elogios sabendo no entanto que são sobremesurados.

Justifico esta minha postura: razão primeira é que, quantitativamente, o meu índice pessoal de citações na literatura científica é baixo, talvez tamanho M. Aqui entramos no debate quente sobre perfis bibliométricos no funcionamento da ciência e sistema do seu financiamento, das promoções acadêmicas, etc. “*Apelamos aos cientistas de todos os países e disciplinas para se unirem contra a tirania da bibliometria*” é o lema lançado por Molinié & Bodenhausen, um duo da antropóloga francesa e do físico suíço, no artigo: Molinié, Antoinette & Bodenhausen, Geoffrey. (2010), *Bibliometrics as Weapons of Mass Citation. La bibliométrie comme arme de citation massive*. *Chimia* 64, 78-89.

Os autores argumentam que a metodologia bibliométrica falsifica o impacto, esbate seus vectores autênticos que, muitas das vezes atuam em direções múltiplas, inclusive descendentes e ascendentes quando do discípulo inspirador ao seu mestre também. Eles defendem outra abordagem e outros critérios de contemplar, diagnosticar, avaliar a fertilidade e o impacto de um cientista:

Novas percepções podem surgir de diagramas científicos de parentesco, revelando múltiplas linhagens descendentes e ascendentes e relações de aliança. Tais laços de parentesco revelariam conexões de pensamento que nos permitiriam mapear a rede de uma área científica.

No mesmo sentido pronunciou-se Richard R. Ernst (prémio Nobel de química, 1991) no artigo dele “The Follies of Citation Indices and Academic Ranking Lists”, *Chimia* 64 (2010) 90. O conceito semelhante a um “Dow Jones acadêmico” repulsa muitos acadêmicos, sobretudo das ciências humanas – um universo em que pesam sobretudo as obras monográficas mais complexas e eruditas.

Menciono agora este debate também para evocar uma perspectiva cultural de conceitualizar a ciência como um processo em cadeia de transmissão e enriquecimento do volume de saber, em interação constante entre mestres e seus aprendizes. No islamismo, sobretudo no complexo científico teológico e jurídico *sufi*, funciona uma genealogia espiritual teológica chamada *silsila*, materializada por um tipo de certificado. É uma prova de maturidade de um *ulema*, um documento que certifica graus e conteúdos da sua iniciação e quem eram seus mestres e os mestres de seus mestres, e assim por diante ascendendo neste *pedigree* de conhecimento e no tempo, muitas vezes até o Profeta.

De cada um de seus mestres estudando sob sua supervisão, um *ulema* recebia um certificado de crédito final, chamado *Ijaza*. E outras insígnias. Creio que não deturpei muito a natureza cultural desse processo que me serve aqui como metáfora do formato de

relações na produção organizada de conhecimentos. Será completamente ultrapassado? E os livros de homenagem dedicados a *kokwanas* não representam uma *silsila* ascendente? Creio que Molinié & Bodenhausen pensam justamente sobre afinidades científicas mapeáveis mesmo quando os discípulos conseguem aprofundar ou abalar as visões, hipóteses e teorias erradas dos seus mestres, aumentar o volume de dados.

Já faz 60 anos, quando me matriculei em ano 1962, no curso de línguas e culturas africanas aberto pela primeira vez na Universidade de Varsóvia. Éramos sete jovens na primeira turma a abrir este curso. Dois finalistas mestrados entraram na carreira acadêmica. Eu fui o primeiro a ser doutorado (1972, Universidade de Varsóvia) . Em suaíli *kifungua mimba* ‘o abre-barriga, ou seja, abre a primeira gravidez. Estudei cinco línguas africanas, mas especializei-me em suaíli da perspectiva linguística, sociolinguística, literária, ganhando acesso as fontes orais e escritas. A missão que nos foi inculcada no mestrado (curso único de cinco anos) de que África **não** era e **não** é um continente de ‘povos ágrafos’ - um preconceito perpetuado por ignorantes até hoje em dia. Todas as cinco línguas que estudei têm uma rica tradição da escrita: suaíli, haussa, amharico, geez, e árabe.

Tem historiografia local, cultura epistolar, poesia, biografias, narrativas de viagens. Absorveram muito do patrimônio escrito em línguas de divulgação regional maior: árabe, da tradição copta. A escrita segue e acompanha a religião: islamismo, cristianismo oriental. Moçambique é o terreno particularmente fértil, pois é uma janela para o mundo do Oriente próximo, médio, China e Indonésia. A minha curiosidade da tradição da escrita ajamiada (grafada em letras árabes) em Moçambique foi o tema que me levou a Moçambique em 1977.

Circunstâncias e prioridades daquela época gloriosa e dramática, limitaram minha disponibilidade para pesquisa no terreno. Fico então muito satisfeito que tenho seguidores excelentes, mais competentes em Moçambique e no mundo. Um deles, o recém doutorado (*magna cum laude*, Universidade de Hamburgo) Chapane Mutiua da UEM garante por suas qualidades, paixão, rigor, por seu saber acadêmico e tradicional cultural, que o patrimônio único que Moçambique possui de escritas ajamiadas suaíli e mwani, que me atraiu para chegar a Moçambique, vai ser explorado e apresentado e incluído no acervo cultural disponível. E um enorme trabalho que requer uma equipe de especialistas. Estou muito satisfeito que cientistas de Brasil (da Universidade Pontifícia de Rio de Janeiro) têm a sua contribuição a esta linha de pesquisa – uma área bem difícil,

Eugeniusz Rzewuski, Mensagem da homenagem no e-book...

desafiante, muito importante. Com este recado e voto vou terminar aqui as minhas reflexões.

Os meus repetidos kxanimambo aos Organizadores e Autores do e-book lançado por esta honra e prenda. Fico muito feliz por terem assim aproximado aos estudantes dos PALOP e brasileiros a existência dos estudos africanos na Polônia. E aos Colegas que apresentaram elogios e votos à minha pessoa sinto-me muito grato por tanta amizade, cortesia, e boa memória sobre condicionamentos e contextos passados.

Lamento muito que o colapso do meu ZOOM me impediu dizer ao vivo e espontaneamente na hora H o que acabo de dizer em forma mais alisada. Recordem a cena do filme clássico O Zorba Grego: Você já viu uma catástrofe tão maravilhosa?

Eugeniusz Rzewuski



Recebido em: 26/05/2022

Aceito em: 27/05/2022

Para citar este texto (ABNT): RZEWUSKI, Eugeniusz. Mensagem do Prof. Dr. Eugeniusz Rzewuski por ocasião da homenagem feita no e-book “Estudos linguísticos e literários sobre Moçambique”. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº1, p.608-613, jan./jun. 2022.

Para citar este texto (APA): Rzewuski, Eugeniusz (jan./jun. 2022). Mensagem do Prof. Dr. Eugeniusz Rzewuski por ocasião da homenagem feita no e-book “Estudos linguísticos e literários sobre Moçambique”. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 2 (1): 608-613.

Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>